

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
CAMPUS AVANÇADO DE GOVERNADOR VALADARES  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA VIDA  
BACHARELADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

**Mirian de Fátima de Oliveira Restori**

**Desigualdade estrutural entre o futebol feminino e masculino do Brasil: Uma análise econômica e sociopolítica**

**Governador Valadares**

**2025**

**Mirian de Fátima de Oliveira Restori**

**Desigualdade estrutural entre o futebol feminino e masculino do Brasil: Uma análise econômica e sociopolítica**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado em Educação Física, da Universidade Federal de Juiz de Fora, Campus Governador Valadares, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Cristiano Diniz da Silva

**Governador Valadares**

**2025**

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Restori, Mirian de Fátima de Oliveira.

Desigualdade estrutural entre o futebol feminino e masculino do Brasil: Uma análise econômica e sociopolítica / Mirian de Fátima de Oliveira Restori. -- 2025.

28 f. : il.

Orientador: Cristiano Diniz Silva

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Campus Avançado de Governador Valadares, Instituto de Ciências da Vida - ICV, 2025.

1. Futebol. 2. Igualdade de gênero. 3. Determinantes políticos e econômicos. I. Silva, Cristiano Diniz, orient. II. Título.

**Mirian de Fátima de Oliveira Restori**

**Desigualdade estrutural entre o futebol feminino e masculino do Brasil: Uma análise econômica e sociopolítica**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado em Educação Física, da Universidade Federal de Juiz de Fora, Campus Governador Valadares, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Educação Física.

Aprovada em 21 de agosto de 2025.

**BANCA EXAMINADORA**

**Dr. Cristiano Diniz da Silva** - Orientador

Universidade Federal de Juiz de Fora - Campus Avançado Governador Valadares

**Dr. Rubian Diego Andrade**

Universidade Federal de Juiz de Fora - Campus Avançado Governador Valadares

**Ms. João Paulo Nogueira da Rocha Santos**

Universidade do Vale do Rio Doce

Juiz de Fora, 22/08/2025.



Documento assinado eletronicamente por **Cristiano Diniz da Silva, Professor(a)**, em 22/08/2025, às 09:58, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Rubian Diego Andrade, Professor(a)**, em 22/08/2025, às 11:02, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **João Paulo Nogueira da Rocha Santos, Usuário Externo**, em 22/08/2025, às 11:32, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no Portal do SEI-Uffj ([www2.ufjf.br/SEI](http://www2.ufjf.br/SEI)) através do ícone Conferência de Documentos, informando o código verificador **2570645** e o código CRC **AB853B0D**.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço inicialmente a Deus pela sua grandiosa bondade em proporcionar toda a sabedoria necessária para poder concluir essa graduação. Os meus pais e minhas irmãs por serem a minha base na vida e estarem sempre a frente comigo em todas as decisões da minha vida. A minha madrinha e ao meu padrinho por todo o apoio de sempre, em especial a minha madrinha, minha segunda mãe e companheira, a peça fundamental para poder realizar e concluir esse sonho. E por último, não menos importante, ao meu namorado Nivaldo, meu parceiro da vida. Esteve comigo durante todo esse processo e não a palavras para descrever a sua importância nessa caminhada, ele foi o meu alicerce e minha força. Ele que também finaliza a graduação junto comigo e é muito gratificante podermos concluir juntos mais uma etapa na nossa vida.

Faço lembranças ao GEPCAF, grupo de estudos sobre futebol que pude participar durante muito tempo. As minhas das bolsas de projeto de extensão e treinamento profissional, que junto com o auxílio moradia da UFJF foram essenciais para a minha permanência na graduação no curso de Educação Física na Universidade Federal de Juiz de Fora Campus Governador Valadares.

Ao expressar minha gratidão, gostaria de destacar o Grupo de Estudos e Pesquisa em Ciências Aplicadas ao Futebol (GEPCAF), cuja colaboração proporcionou valiosos momentos de enriquecimento intelectual e acadêmico, por meio da troca de conhecimentos e experiências. Através do Programa de Extensão Universitária (PROEX), fui voluntária durante meu período de graduação atuando no projeto “Futebol Base para o Futuro”, as quais possibilitaram, dentre diversos outros aspectos, a concretização deste trabalho.

Deixo lembranças também aos meus amigos, em especial a Kátia e a Isabella, que foram as minhas parceiras durante toda a graduação. Aos meus professores, também em especial o prof. Cristiano Diniz, a profa. Lidiane Fernandes e o prof. Rubian Andrade. A todos vocês, minha gratidão é imensa. Sei que não teria chegado tão longe sem a presença e o apoio de cada um de vocês. Manifesto minha gratidão inesgotável por todas as ações que foram realizadas em meu benefício.

## RESUMO

O futebol feminino no Brasil tem sua trajetória marcada por processos de exclusão, invisibilidade e desigualdade em comparação ao futebol masculino, fenômeno que reflete estruturas sociais e institucionais historicamente construídas. O presente trabalho tem como objetivo analisar o *gap* estrutural entre o futebol feminino e o masculino no Brasil analisando dados econômicos e premissas sociopolíticas, identificando as principais causas e implicações dessa desigualdade. Pretende-se discutir caminhos efetivos que possam contribuir para o fortalecimento e a profissionalização do futebol feminino. Para alcançar tal objetivo, adota-se uma abordagem descritivo-analítica, baseado em uma análise documental em artigos acadêmicos e jornalísticos, em sites esportivos e levantamento de dados em fontes oficiais, como a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e o Ministério do Esporte. A dimensão quantitativa da pesquisa contempla, entre outros elementos, a disparidade no número de clubes federados, quando 194 equipes de futebol feminino estavam filiadas a federações ou CBF em 2024, contra 690 clubes profissionais masculinos. Isso significa que, para cada time feminino em atividade, existem 3,6 clubes masculinos. Os dados evidenciam que o futebol masculino recebe investimentos até 100 vezes superiores aos do futebol feminino em categorias como cotas de TV, premiação e salário médio, revelando uma disparidade financeira de até 99% entre os gêneros no cenário esportivo nacional. O futebol feminino no Brasil carrega as marcas de um passado de exclusão feminino no esporte, agravado pela proibição legal entre 1941 e 1979, o que atrasou sua consolidação competitiva. Apesar de seu potencial como ferramenta de inclusão social e inserção da mulher em diferentes contextos socioculturais, a modalidade ainda enfrenta entraves relacionados à baixa visibilidade midiática, historicamente voltada ao futebol masculino. A cobertura restrita e estereotipada limita a formação de público, dificulta a captação de patrocínios e restringe o desenvolvimento econômico e simbólico da modalidade. Apesar de todas as dificuldades, os últimos anos foram de notável crescimento do futebol feminino que ainda pode crescer se houver investimento e políticas públicas voltadas à equidade. Conclui-se que para a redução desse *gap* é preciso mobilizar políticas públicas efetivas, mais investimento institucional e transformação cultural, de modo que a diminuição da desigualdade de gênero fortaleça o papel social do futebol como instrumento de inclusão e democratização esportiva no Brasil.

Palavras-chave: Futebol. Igualdade de gênero. Determinantes políticos e econômicos.

## ABSTRACT

In Brazil, women's football has been characterised by exclusion, invisibility and inequality compared to men's football. This reflects the historically constructed social and institutional structures of Brazilian society. This study aims to analyse the structural differences between the two by examining econometric data and socio-political assumptions, and by identifying the main causes and implications of this inequality. The study also seeks to discuss effective ways to strengthen and professionalise women's football. To this end, a descriptive-analytical approach is adopted based on documentary analysis of academic and journalistic articles, sports websites and data collected from official sources such as the Brazilian Football Confederation (CBF) and the Ministry of Sport. The quantitative dimension of the research includes the disparity in the number of federated clubs: 194 women's football teams were affiliated with federations or the CBF in 2024, compared to 690 professional men's clubs. This means that for every women's team, there are 3.6 men's clubs in activity. Data shows that men's football receives up to 100 times more investment than women's football in areas such as TV quotas, prize money and average salaries. This reveals a financial disparity of up to 99% between the genders in national sport. Women's football in Brazil is still affected by a history of female exclusion from sport, exacerbated by the legal ban between 1941 and 1979, which hindered its competitive development. Despite its potential as a tool for social inclusion and integration of women in different sociocultural contexts, the sport still faces obstacles related to low media visibility, which has historically focused on men's football. Restricted and stereotypical coverage limits audience development and sponsorship, and restricts the sport's economic and symbolic development. Despite all these difficulties, there has been remarkable growth in women's football in recent years, and this growth can continue if investment and public policies aimed at equity are implemented. In order to reduce this *gap*, effective public policies, greater institutional investment and cultural transformation are needed to strengthen the social role of football as an instrument of inclusion and sports democratisation in Brazil by reducing gender inequality.

Keywords: Football. Gender equality. Political and economic determinants.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Distribuição de clubes por gênero no Brasil .....	15
Figura 2 - Dados econômicos no futebol masculino e feminino no Brasil (2024).....	16

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Dados econômicos no futebol masculino e feminino no Brasil (2024).....	16
---	----

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2</b>	<b>OBJETIVO .....</b>	<b>13</b>
1.1	Objetivo geral.....	13
1.2	Objetivos específicos .....	13
<b>2</b>	<b>METODOLOGIA.....</b>	<b>14</b>
2.1	Abordagem exploratória.....	14
2.2	Fonte de dados.....	14
2.3	Procedimento analítico.....	14
<b>3</b>	<b>RESULTADOS .....</b>	<b>16</b>
<b>4</b>	<b>DISCUSSÃO.....</b>	<b>18</b>
4.1	Contexto histórico e cultural.....	19
4.2	Dados econômicos.....	21
4.3	Mídia.....	23
4.4	Papel das políticas de incentivo e regulação no futebol feminino brasileiro.....	24
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>26</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>27</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O futebol é o esporte mais popular do mundo, possui adeptos de ambos os sexos e de várias idades, é um esporte que vem evoluindo a cada ano. No Brasil, a atividade esportiva movimentou R\$ 183,4 bilhões em 2023, o equivalente a 1,69% do Produto Interno Bruto (PIB) nacional (Brasil, 2024). Mas por enquanto, quando se trata de futebol feminino, essa evolução tem sido lenta.

Não se pode negar que a desigualdade de gênero no esporte reflete profundamente as estruturas históricas, sociais e culturais que, por séculos, marginalizaram a participação feminina, restringindo seu acesso não apenas à prática esportiva, mas também às instituições e espaços de poder dentro do universo esportivo. No Brasil, essa disparidade é particularmente evidente no futebol, modalidade que ocupa papel central na identidade cultural nacional, mas que permanece fortemente marcada pela hegemonia masculina e pela exclusão histórica das mulheres (Franzini, 2005; Broch, 2021).

Embora nas últimas décadas tenha havido avanços significativos em termos de visibilidade, regulamentação e profissionalização do futebol feminino, os números ainda indicam um abismo estrutural entre as versões feminina e masculina do esporte. Em 2024, o cenário mostra que havia apenas 194 clubes femininos filiados às federações estaduais ou à Confederação Brasileira de Futebol (CBF), frente a 690 clubes masculinos profissionais ativos. Essa proporção revela que, para cada clube feminino, existem aproximadamente 3,6 clubes masculinos, o que corresponde a apenas 28% de representação do futebol feminino no total dos clubes profissionais brasileiros. O Brasil tem 622 mulheres e 18 mil homens como atletas profissionais de futebol, aponta levantamento da CBF (O Globo, 2022). Segundo o Ministério do Esporte (2023) apenas 19,2% das atletas possuem vínculo profissional, enquanto 4,9% têm contrato de trabalho temporário e 1,2%, contrato de formação.

Essa disparidade não é resultado de um acaso, mas sim de um conjunto complexo de fatores históricos, sociais, econômicos e institucionais que, por vezes, foram legitimados por normativas e políticas públicas que dificultaram o desenvolvimento equitativo entre os gêneros no esporte. A repressão oficial e social ao futebol feminino, que vigorou durante boa parte do século XX, a falta de investimento, o preconceito cultural e a cobertura midiática desigual configuram um cenário no qual o futebol feminino permanece em constante luta por reconhecimento, estrutura e oportunidades comparáveis às do futebol masculino.

Diante desse contexto, este trabalho propõe uma investigação crítica e aprofundada sobre a desigualdade estrutural entre o futebol feminino e masculino no Brasil. A partir de uma análise quantitativa e qualitativa dos dados disponíveis em fontes públicas, bem como da revisão bibliográfica e documental sobre o tema, o estudo visa compreender os elementos que sustentam essa lacuna e refletir sobre as possíveis estratégias e políticas para reduzir o *gap*, promovendo uma maior equidade no esporte.

## **2 OBJETIVO**

Nossos objetivos foram divididos em objetivo geral e específicos, sendo detalhados abaixo.

### **1.1 Objetivo geral**

O presente estudo buscou analisar o *gap* estrutural entre o futebol feminino e o masculino no Brasil, identificando as principais causas e implicações dessa desigualdade para propor caminhos efetivos que contribuam para o fortalecimento e a profissionalização do futebol feminino.

### **1.2 Objetivos específicos**

- i. identificar as causas históricas e institucionais da desigualdade;
- ii. analisar dados quantitativos da diferença estrutural entre os dois segmentos;
- iii. investigar o papel das políticas de incentivo e regulação;
- iv. comparar dados econômicos;
- v. apontar caminhos de superação para o fortalecimento do futebol feminino.

## **2 METODOLOGIA**

### **2.1 Abordagem exploratória**

O estudo utilizou-se de uma abordagem descritivo-analítica, por meio de pesquisa bibliográfica e documental. O método de estudo foi utilizado para analisar a desigualdade estrutural entre o futebol feminino e o masculino no Brasil.

Foi realizada uma triagem de materiais, iniciando com uma ampla pesquisa na internet buscando acervos com o foco e critérios de análise a respeito da inclusão dos aspectos econômicos discursivos sobre o *gap* estrutural. E para ajudar a compreender melhor esses aspectos e a trajetória do futebol, foi feita uma busca na história do esporte, para interpretar as questões sociopolíticas que englobam o desenvolvimento do futebol feminino no Brasil.

### **2.2 Fonte de dados**

Os dados foram coletados e analisados por meio de artigos acadêmicos e jornalísticos disponíveis em bases como *Scielo*, em sites esportivos como *O Globo*, *Globo Esporte*, *UOL Esportes* e *BBC Brasil*, *Deloitte*, entre outros citados ao longo do texto, sem limitação de datas, e também mm monografias e trabalhos de conclusão de curso identificados na busca ampla. Também considerou fontes oficiais, como registros na Confederação Brasileira de Futebol (CBF), Ministério do Esporte e *Fédération Internationale de Football Association* (FIFA).

### **2.3 Procedimento analítico**

O estudo utilizou abordagem qualitativa com análise temática, realização de pesquisas online na internet, em sites, monografias, e artigos. Buscando identificar acervos que tratassem das semelhanças e diferenças, bem como interpretar significados implícitos. Tal escolha se justifica pela necessidade de compreender em profundidade as percepções sobre a desigualdade estrutural entre o futebol feminino e masculino.

Esse estudo consiste em uma análise comparativa e crítica dos dados coletados em fontes oficiais, como relatórios da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e do Ministério

do Esporte, bem como em publicações científicas e jornalísticas. Os indicadores quantitativos, referentes ao número de clubes existentes, atletas registrados e recursos financeiros destinados às modalidades, foram interpretados de forma descritiva e contrastados com a literatura especializada. Essa abordagem possibilitou identificar padrões, desigualdades e tendências históricas, evidenciando os elementos que sustentam a disparidade estrutural entre o futebol feminino e masculino no Brasil.

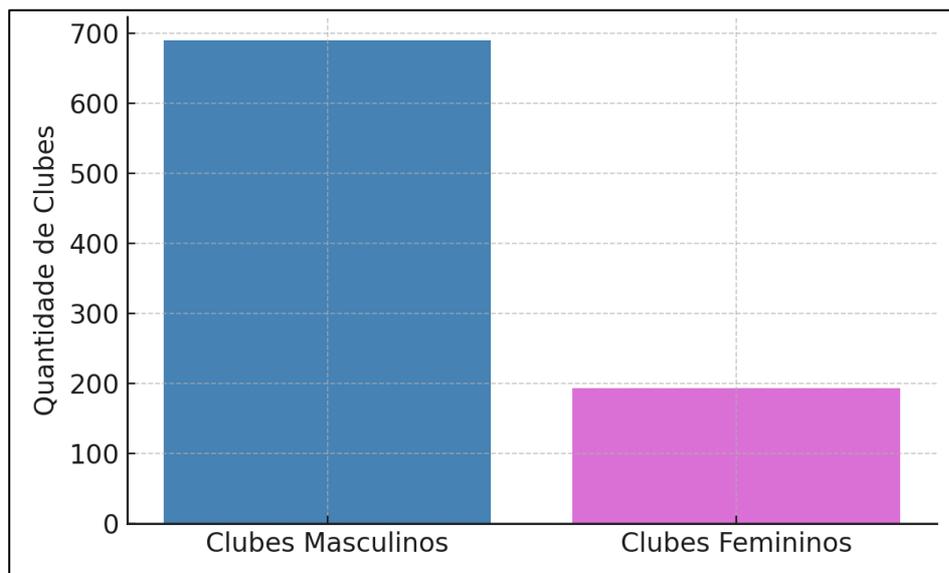
Inicialmente, realizou-se a leitura flutuante de todo o material, seguida da identificação de unidades de registro (palavras, frases e ideias recorrentes). Essas unidades foram agrupadas em categorias temáticas, permitindo compreender aspectos históricos, legislativos, econômicos e culturais da desigualdade no futebol brasileiro. O procedimento analítico adotado possibilitou identificar padrões históricos de exclusão e lacunas estruturais no futebol feminino brasileiro, contribuindo para uma compreensão mais ampla das disparidades em relação ao futebol masculino.

### 3 RESULTADOS

A discrepância entre os números do futebol feminino e masculino no Brasil revela um cenário de desigualdade estrutural que ainda persiste no esporte. Em 2023, foram identificados apenas 194 clubes femininos, frente a 690 clubes masculinos, refletindo uma disparidade que se estende também ao número de atletas profissionais: 622 mulheres contra impressionantes 18 mil homens. Apesar disso, o setor movimentou cerca de R\$ 183,4 bilhões, evidenciando o potencial econômico do futebol como um todo, e o quanto o feminino ainda pode crescer se houver investimento e políticas públicas voltadas à equidade. A produção acadêmica, representada por um trabalho de conclusão de curso e uma monografia, reforça o interesse crescente em estudar e compreender os determinantes políticos, econômicos e sociais que influenciam a participação feminina, o equilíbrio competitivo e o sucesso internacional no esporte. Esses dados não apenas apontam para a urgência de ações concretas em prol da igualdade de gênero, mas também para o papel da pesquisa como ferramenta de transformação.

A Figura 1 representa o quantitativo de clubes profissionais no Brasil, deixando clara a disparidade estrutural entre os gêneros.

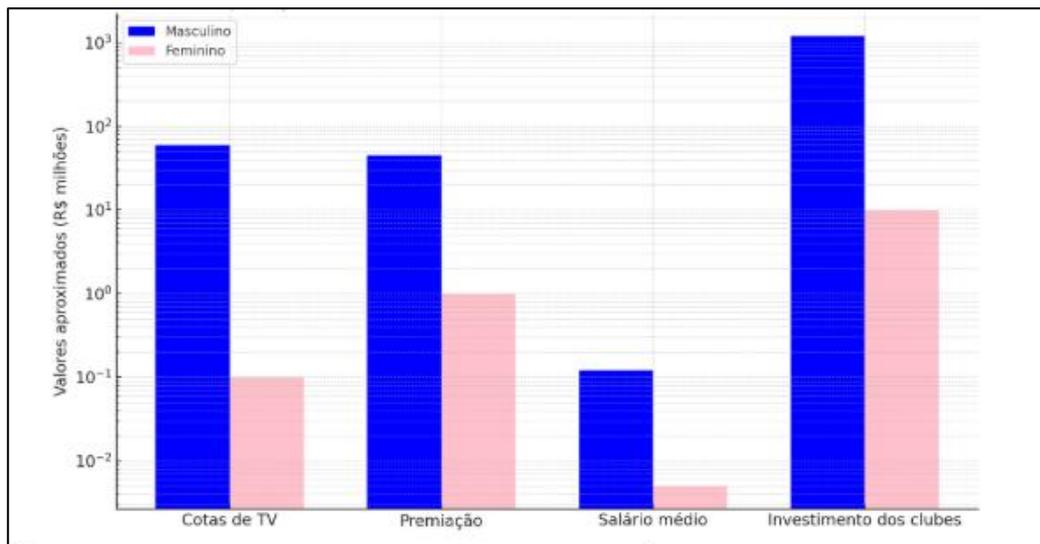
Figura 1. Distribuição de clubes por gênero no Brasil



Fonte: Adapato de Passero *et al.* (2020).

A Figura 2 representa de forma contundente as disparidades financeiras entre o futebol masculino e feminino no Brasil, evidenciadas por indicadores como cotas de TV, premiação, salário médio e investimento dos clubes. Observa-se que, em todas as categorias, os valores destinados ao futebol masculino são significativamente superiores, mesmo quando representados em escala logarítmica. Os dados evidenciam que o futebol masculino recebe investimentos até 100 vezes superiores aos do futebol feminino em categorias como cotas de TV, premiação e salário médio, revelando uma disparidade financeira de até 99% entre os gêneros no cenário esportivo nacional. Essa diferença não apenas reflete a desigualdade histórica no financiamento do esporte, como também reforça os desafios enfrentados pelas mulheres na busca por reconhecimento, estrutura e valorização profissional dentro do cenário futebolístico nacional.

Figura 2. Dados econômicos no futebol masculino e feminino no Brasil (2024)



Fonte: Dados compilados de CBF (2024), Globo Esporte (2024), UOL Esporte (2024).

## 4 DISCUSSÃO

A presente discussão parte da análise quantitativa e uma abordagem comparativa, articulando os resultados quantitativos levantados com o referencial dos dados econômicos, históricos e culturais, relacionando-os para compreender de que forma se consolidou a desigualdade entre o futebol feminino e masculino no Brasil. No total, 194 equipes de futebol feminino estavam filiadas a federações ou CBF em 2024, contra 690 clubes profissionais masculinos. Isso significa que, para cada time feminino em atividade, existem 3,6 clubes masculinos. Os dados evidenciam que, em 2024, o número de clubes femininos representava apenas 28% do total de clubes profissionais no país, refletindo uma disparidade persistente.

Referente aos aspectos históricos e culturais, o decreto-lei 3.199 de 14 de abril de 1941 dizia que “as mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país”. Esse cenário dialoga com o histórico de exclusão feminina no esporte, intensificado pela proibição legal entre 1941 e 1979, que atrasou a formação de estruturas competitivas e institucionais. Nessa época as mulheres eram apenas vistas e serviam somente para serem donas de casa, cuidarem dos seus filhos e servirem aos seus esposos.

No que tange os aspectos econômicos, o cenário esportivo brasileiro evidencia um contraste significativo entre o volume total de recursos movimentados pelo setor e a fatia destinada ao futebol feminino. Embora o setor esportivo tenha movimentado R\$ 183,4 bilhões em 2023, o investimento destinado ao futebol feminino permanece irrisório, limitando sua capacidade de desenvolvimento. Esse número sintetiza uma das maiores deficiências: a oferta e, por consequência, a visibilidade, o calendário de jogos e as receitas do futebol feminino ainda é muito mais restrita do que a do masculino. A menor visibilidade midiática reduz a atratividade para patrocinadores, criando um ciclo de baixa receita e pouca exposição, o que vai se tornando barreiras a serem enfrentadas para que o futebol feminino tenha a sua devida valorização.

O futebol feminino configura-se como um importante instrumento de inclusão social, ao proporcionar oportunidades de participação para mulheres provenientes de diferentes contextos socioculturais. A modalidade rompe com barreiras históricas e simbólicas, ao mesmo tempo em que promove a integração de indivíduos a partir de um interesse comum pelo esporte, independentemente de gênero, raça, etnia ou nacionalidade. Nesse sentido, transcende sua

função meramente recreativa e assume um papel estratégico na promoção de pautas sociais, como a educação, a saúde e a equidade de gênero.

A expansão e o reconhecimento gradual do futebol feminino refletem mudanças significativas na sociedade contemporânea, evidenciando um movimento em direção a valores mais igualitários e progressistas. O esporte desempenha um papel fundamental na mudança de mentalidades e na quebra de estereótipos de gênero enraizados na sociedade, incentivando uma visão mais equitativa de homens e mulheres em todos os setores da vida.

O futebol feminino é importante não apenas como uma forma de entretenimento esportivo, mas também como um instrumento de transformação social e luta pela igualdade de gênero. Ao dar voz às mulheres e abrir caminho para seu empoderamento, ele influencia positivamente a vida de muitas pessoas e contribui para uma sociedade mais justa e inclusiva.

#### **4.1 Contexto histórico e cultural**

A trajetória do futebol feminino no Brasil é historicamente marcada por processos de exclusão, estigmatização e apagamento social. Embora relatos indiquem que mulheres já praticavam futebol informalmente desde as primeiras décadas do século XX, foi somente em meio a fortes resistências que essa prática passou a se organizar institucionalmente. O principal marco de repressão foi a proibição oficial imposta pelo Estado brasileiro em 1941, por meio do Decreto-lei nº 3.199, que vetava a prática de esportes considerados “incompatíveis com a natureza feminina”, entre eles o futebol.

Essa proibição legal permaneceu vigente até 1979, quando foi finalmente revogada. Durante esse período, o futebol feminino foi marginalizado, sobrevivendo na clandestinidade ou em iniciativas isoladas e amadoras, sem qualquer apoio federativo ou institucional. Mesmo após a revogação da proibição, o estigma social construído ao longo de quase quatro décadas manteve-se ativo. A visão de que o futebol era “coisa de homem” estava fortemente enraizada na cultura popular e na mídia esportiva, dificultando o reconhecimento e a valorização das mulheres nesse espaço.

A partir da década de 1990, o Brasil começou a dar os primeiros passos rumo à institucionalização do futebol feminino, com a criação da Seleção Brasileira Feminina e a

participação em competições internacionais, como a Copa do Mundo Feminina da FIFA (desde 1991) e os Jogos Olímpicos. No entanto, o investimento continuou escasso e o calendário irregular.

Foi somente nos anos 2000, impulsionado pelos avanços do movimento feminista, pelo destaque de atletas como Marta, Cristiane e Formiga, e por pressões internacionais por igualdade no esporte, que o futebol feminino começou a ganhar maior visibilidade. A cobertura midiática, ainda tímida, passou a reconhecer os feitos das jogadoras brasileiras, e algumas iniciativas institucionais começaram a surgir, como o incentivo da CBF à criação de campeonatos e exigência de estrutura mínima para clubes femininos.

Mesmo assim, os efeitos de décadas de negligência estrutural seguem impactando o desenvolvimento do futebol praticado por mulheres. O estigma cultural, a escassez de apoio financeiro, a desigualdade na distribuição de recursos e a ausência de políticas públicas sólidas continuam sendo entraves significativos para a consolidação de um sistema equitativo.

Através de dados levantados pelo suplemento especial sobre esporte da Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílio do (PNAD), de 2015, o artigo *As mulheres e o país do futebol: intersecções de gênero, classe e raça no Brasil* descreveu qual o perfil das mulheres que praticam futebol no Brasil, em relação às mulheres e aos homens que praticam esportes (IBGE, 2017). Buscando responder sobre a seguinte pergunta: “quem são as mulheres que jogam futebol no Brasil nos tempos contemporâneos? “correlacionando a interseccionalidade de gênero, classe e raça”. Ao contrário daquelas que pertenciam à elite brasileira, as mulheres que se envolveram com a prática nesses contextos eram estigmatizadas, indicando que os enunciados de abjeção vinculados ao futebol feminino já perfazem mais de um século de existência (Bonfim, 2019). Ou seja, já existem há mais tempo que a proibição e os enunciados higienistas de controle da sexualidade e do corpo das mulheres, sobretudo, brancas (Altmann, 2003). Isto é, se por um lado as mulheres brancas e de extratos econômicos mais altos têm uma tendência maior à prática de esportes, por outro, são as mulheres negras e mais pobres que aderem ao futebol.

Quanto ao futebol brasileiro, Mariane Pisani (2018) demonstrou que a experiência de mulheres brancas e negras se difere em relação aos sentidos da prática. Para as mulheres negras, o futebol foi entendido como uma possibilidade de profissão, ainda que dificilmente esta se concretize. Por outro lado, para as brancas, o futebol era um momento de lazer e diversão.

A mídia, por vezes, descreveu as futebolistas negras como “feras” e masculinizadas, em vez de belas, como descrevia as brancas (Almeida, 2016). Tal narrativa enquadra as negras na chave da “bestialização”, por transgredirem as normas da feminilidade e da heterossexualidade compulsória.

No Brasil as questões associadas tanto aos direitos humanos quanto ao amálgama feito entre sexualidade e gênero no esporte ganham corpo, literalmente, no futebol. As mulheres que jogam futebol são constantemente questionadas e colocadas contra a parede por conta de sua sexualidade. Apesar de diretamente apontadas como homossexuais e sofrem desrespeito e discriminações várias. A pesquisa da Centauro e Consumoteca (Centauro; Consumoteca, 2023) revela ainda que 20% das entrevistadas acreditam que a hipersexualização é o maior desafio enfrentado pelas mulheres no esporte.

Enquanto no futebol masculino falar sobre diversidade e sexualidade é um tabu, o universo feminino consolidou mais acolhedor e receptivo para mulheres lésbicas. Se dá muita importância ao futebol masculino historicamente e pouco ao feminino, para valorizar, para dar visibilidade, para dar atenção. E por essa cobrança com relação a masculinidade há muito pouco espaço para que os homens possam se assumir gay ou até fugir da heteronormatividade (Anjos, 2023).

#### **4.2 Dados econômicos**

A desigualdade entre o futebol feminino e masculino no Brasil também pode ser observada de forma objetiva por meio de dados quantitativos. Em 2024, havia 690 clubes profissionais masculinos ativos e apenas 194 clubes femininos registrados junto às federações estaduais e à Confederação Brasileira de Futebol (CBF). Isso representa uma participação de apenas 28% do futebol feminino no universo total de clubes profissionais.

Além da diferença em quantidade absoluta de clubes, também há desigualdade na distribuição regional. Muitos estados que possuem clubes masculinos nas Séries A e B do Campeonato Brasileiro sequer contam com equipes femininas em atividade. A ausência de times femininos em regiões com forte tradição esportiva revela a falta de estímulo institucional e de políticas públicas voltadas para o desenvolvimento do futebol praticado por mulheres.

Outro indicador da desigualdade estrutural é o acesso limitado das atletas a estádios de qualidade, à infraestrutura de treinamento, a um calendário de jogos consistente e a categorias

de base organizadas. Esses dados mostram que o problema da desigualdade vai muito além do número de clubes: ele se estende a todas as dimensões que envolvem a prática esportiva profissional. A desigualdade entre o futebol feminino e masculino no Brasil é sustentada por um conjunto complexo de causas históricas, sociais, culturais e institucionais. Essas causas se entrelaçam e reforçam umas às outras, criando barreiras que dificultam o desenvolvimento equitativo do futebol feminino no país.

No panorama de desigualdade salarial na atualidade no Brasil, a despeito de toda a legislação protetiva, muitos limites são impostos às mulheres e suas carreiras, o que acaba por refletir resultados negativos quanto à elevação profissional e manutenção no trabalho, em especial com relação a cargos de liderança e decisão.

No mercado do futebol, a lógica do livre mercado também determina os salários dos jogadores. Os atletas recebem remunerações com base em sua habilidade, desempenho em campo, popularidade, impacto na audiência, campeonatos disputados e potencial de geração de receitas para os clubes e patrocinadores. Um fator que contribui para isso é que o futebol masculino já possui um mercado historicamente mais consolidado e concorrido, com uma base de fãs maior e maior visibilidade global. Essa maior popularidade gera mais investimentos, patrocínios, bilheteria e direitos de transmissão, o que aumenta significativamente a receita disponível para remunerar os jogadores.

Em contrapartida, o futebol feminino tem crescido e se desenvolvido ao longo dos anos, mas ainda não atingiu a mesma escala econômica e financeira que o masculino. A diferença salarial entre jogadores e jogadoras é, portanto, um reflexo direto das diferenças de demanda e investimento nos dois setores. É importante destacar que essa disparidade não é resultado de discriminação de gênero, mas sim da dinâmica de mercado e da capacidade de cada segmento de atrair investimentos. vamos tentar algumas comparações para entender melhor por que Neymar ganha um total estimado em US\$ 95 milhões por ano e Marta ganha cerca de US\$ 400 mil.

A última Copa do Mundo Masculina de Futebol, que aconteceu na Rússia em 2018, arrecadou um total de US\$ 2,6 bilhões em publicidade, movimentando direta e indiretamente mais de US\$ 40 bilhões. Isso inclui a receita com bilheteria, transmissão de TV, patrocínios, turismo e outros setores. Por outro lado, a última Copa do Mundo Feminina de Futebol, que aconteceu na França em 2019, arrecadou um total de US\$ 1,2 bilhão em publicidade,

movimentando direta e indiretamente mais de US\$ 20 bilhões. Mas o futebol vai muito além da Copa do Mundo. De acordo com um estudo do Statista, o mercado global de futebol masculino movimenta cerca de US\$ 28 bilhões por ano, desconsiderando a Copa do Mundo. Já o feminino, apenas US\$ 1,5 bilhão por ano, desconsiderando a Copa do Mundo.

Em mais uma comparação, foi realizada uma pesquisa disponibilizada pelo departamento pessoal do clube Santos. Um homem na série B custa praticamente o elenco inteiro feminino. O clube vai mostrar quanto gastou com a folha de pagamento de seus atletas profissionais, no masculino e no feminino. O mês de referência é dezembro de 2024, ano em que os homens santistas estavam na Série B do Brasileiro e as mulheres foram rebaixadas para a segunda divisão e conquistaram a Copa Paulista.

Em folha, o Santos tinha 30 jogadores profissionais masculinos no elenco principal e 24 jogadoras no seu elenco profissional feminino. Somando salário nominal, tributos diretos e direitos de imagens, o clube gastou R\$ 7,271 milhões com esses atletas em dezembro de 2024, ou, na média, R\$ 242 mil com cada um. Novamente somando salário nominal, tributos diretos e direitos de imagens, o elenco de mulheres santistas custou modestos R\$ 254 mil, o que dá uma remuneração média de R\$ 10,5 mil. Assim, o salário médio de uma jogadora santista era o equivalente a apenas 4,3% de um jogador masculino.

### **4.3 Mídia**

A mídia esportiva tradicional historicamente priorizou o futebol masculino em sua programação, reportagens e transmissões. O futebol feminino, por sua vez, sofreu com a invisibilidade ou com a cobertura estereotipada e sexualizada das atletas. A falta de espaço nos meios de comunicação limita a visibilidade da modalidade, impactando diretamente na captação de patrocínios, na construção de ídolos femininos e na formação de público. Sem audiência, os clubes femininos têm dificuldade em gerar receita e atrair investimentos.

A diferença na cobertura entre o futebol praticado pelos homens e o futebol praticado pelas mulheres é evidente. Para isso, a mídia costuma dar como uma das justificativas o fato de consumidores de jornais e revistas e da audiência em programas esportivos serem, em sua maioria, o público masculino.

Com relação ao futebol feminino, a imprensa, como se não bastasse a preferência pelo

futebol masculino, ainda trata a modalidade e as mulheres jogadoras com tom de chacota e olhar machista. Uma pesquisa realizada pela Universidade de Cambridge, que analisou reportagens e comentários sobre os Jogos Olímpicos, revelou essa discrepância entre homens e mulheres no esporte. Segundo os dados encontrados, o termo “homens” ou “homem” aparece três vezes mais do que “mulher” ou “mulheres” na seção de esportes. Além disso, o estudo revelou que quando o assunto é mulher, os aspectos da vida pessoal são exaltados. Nas matérias com os atletas campeãs, as palavras “envelhecida”, “mais velha”, “grávida”, “casada” ou “não casada” são referenciais para as mulheres, enquanto que para os homens os termos que aparecem são “mais rápido”, “forte” e “grande”. Inclusive quando o assunto é desempenho, a vantagem dada para os homens também sobressai. Para eles, as palavras são “mentor”, “vencer”, “ganhar” e “dominar”. Já para as mulheres, são “competição”, “participação” e “esforço” (Telles, 2017, p. 43).

#### **4.4 Papel das políticas de incentivo e regulação no futebol feminino brasileiro**

A desigualdade financeira entre o futebol masculino e feminino no Brasil é expressiva. Enquanto os clubes masculinos recebem cotas milionárias de direitos de transmissão e patrocínio, o futebol feminino ainda conta com recursos muito limitados (Amorim *et al.*, 2023).

Políticas públicas, como editais do Ministério do Esporte para financiamento de projetos de base feminina, e investimentos privados emergentes começam a amenizar essa disparidade. No entanto, o fortalecimento econômico do futebol feminino depende de maior exposição na mídia, profissionalização dos clubes e diversificação das fontes de receita.

A regulação do futebol feminino envolve tanto normativas esportivas quanto políticas públicas. A Lei nº 13.748/2018, que institui o Dia Nacional do Futebol Feminino, é um exemplo simbólico da valorização institucional. A Confederação Brasileira de Futebol (CBF), por sua vez, adotou regulamentos para obrigar clubes masculinos a manterem equipes femininas, visando promover igualdade de oportunidades (CBF, 2015). Além disso, o Estatuto do Torcedor e as regras das competições femininas garantem direitos mínimos trabalhistas e estruturais para as atletas.

No âmbito da iniciativa, é responsabilidade do MEsp gerir estratégias, realizando diagnósticos, planos de ação e os colocando em prática. A partir do documento publicado em

2023, Diagnóstico do Futebol Feminino no Brasil, conclui-se que o futebol feminino ainda é uma modalidade amadora. Segundo a sondagem, apenas 19,2% das atletas possuem vínculo profissional, enquanto 4,9% têm contrato de trabalho temporário e 1,2%, contrato de formação. A Estratégia Nacional para o Futebol Feminino entrou em vigor a partir da assinatura do Decreto nº 11.458/2023. O objetivo é gerar apoio de longo prazo e promover, fomentar e incentivar a inserção e a manutenção de meninas e mulheres na modalidade esportiva. A longo prazo, visando a classificação do Brasil para a copa de 2027 (Ministério do Esporte, 2023).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo buscou analisar os principais aspectos que evidenciam a desigualdade entre o futebol masculino e feminino no Brasil. Ele mostra que não é apenas uma questão numérica, mas um problema estrutural que perpassa aspectos históricos, culturais, institucionais e econômicos. O abismo existente entre os dois segmentos reflete décadas de exclusão, invisibilidade e falta de investimento que comprometeram o desenvolvimento pleno do futebol praticado por mulheres.

A superação desse cenário exige transformações profundas e articuladas em diferentes frentes: uma mudança cultural que desconstrua estigmas de gênero; a ampliação das políticas públicas e institucionais externas para a equidade; o fortalecimento da infraestrutura e das categorias de base; e o engajamento da mídia e do mercado para promover visibilidade e sustentabilidade econômica ao futebol feminino.

Além disso, a ausência de políticas de longo prazo e a instabilidade das ligas dificultam a consolidação do esporte como uma profissão sustentável para as atletas. O papel das políticas de incentivo e regulação no futebol feminino brasileiro é crucial para a transformação do cenário esportivo nacional. Avanços legislativos e regulatórios mostram que o caminho para a profissionalização e valorização das mulheres no futebol é possível, mas depende do comprometimento conjunto de instituições públicas, privadas e da sociedade civil para consolidar o esporte como ferramenta de inclusão e empoderamento.

Por fim, sugere-se que pesquisas futuras aprofundem temas relacionados ao impacto social e econômico do futebol feminino, o papel das políticas públicas específicas e o estudo das experiências internacionais bem-sucedidas, de modo a embasar estratégias efetivas para o fortalecimento do futebol feminino no Brasil.

## REFERÊNCIAS

- AMORIM, Lucas; PEREIRA, Mariana; FONSECA, Bruno. Desigualdade de gênero no futebol brasileiro: um estudo sobre a distribuição de recursos e oportunidades. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 45, n. 2, p. 112-130, 2023.
- ANJOS, Luiza Aguiar dos. Por que o futebol feminino é mais acolhedor para atletas LGBTQIA+. *GI*, 29 jul. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2023/07/29/por-que-o-futebol-feminino-e-mais-acolhedor-para-atletas-lgbtqia.ghtml>. Acesso em: 4 out. 2025.
- SOUZA, Antonio. Por que o futebol feminino não é tratado como o masculino? Pesquisa explica. *Exame*, 12 jul. 2023. Disponível em: <https://exame.com/esporte/por-que-o-futebol-feminino-nao-e-tratado-como-o-masculino-pesquisa-explica/>. Acesso em: 4 out. 2025.
- ALTMANN, Helena. Orientação sexual em uma escola: recortes de corpos e de gênero. *Cadernos Pagu*, n. 21, p. 281–315, 2003.
- BRASIL. Decreto-Lei nº 3.199, de 27 de abril de 1941. Proíbe a prática do futebol feminino no país. *Diário Oficial da União*, 1941.
- BRASIL. Lei nº 13.748, de 12 de junho de 2018. Institui o Dia Nacional do Futebol Feminino. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 13 jun. 2018.
- BRASIL. Ministério do Esporte. Futebol feminino ainda é predominantemente amador no Brasil. *Ministério do Esporte*, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/esporte/pt-br/noticias-e-conteudos/esporte/futebol-feminino-ainda-e-predominantemente-amador-no-brasil>. Acesso em: 8 ago. 2025.
- BRASIL. Ministério do Esporte. Futebol feminino. *Ministério do Esporte*, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/esporte/pt-br/acoes-e-programas/futebol-feminino>. Acesso em: 8 ago. 2025.
- BRASIL. Ministério do Esporte. Setor esportivo movimenta R\$ 183,4 bilhões e reforça papel da Lei de Incentivo ao Esporte. *Ministério do Esporte*, 26 jun. 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/esporte/pt-br/noticias-e-conteudos/esporte/setor-esportivo-movimenta-r-183-4-bilhoes-e-reforca-papel-da-lei-de-incentivo-ao-esporte>. Acesso em: 8 ago. 2025.
- BONFIM, Aira F. Football Feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941). Dissertação (Mestrado) – Escola de Ciências Sociais da Fundação Getúlio Vargas, Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2019.
- BROCH, Marina. Histórico do futebol feminino no Brasil: considerações acerca da desigualdade de gênero. *História: Debates e Tendências*, v. 21, n. 1, p. 202-217, 2021.
- CENTAURO; CONSUMOTECA. *Mulheres & esporte: um pacto coletivo para uma nova narrativa*. São Paulo: Centauro, 2023. Disponível em: <https://maquinadoesporte.com.br/outros/apenas-34-das-mulheres-sonham-em-ser-atletas-profissionais-diz-pesquisa/>. Acesso em: 4 out. 2025.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL (CBF). *Regulamento Específico da Competição – Campeonato Brasileiro Feminino A1 – 2024*. Rio de Janeiro: CBF, 2024. Disponível em: <https://www.cbf.com.br/competições/brasileiro-feminino-a1>. Acesso em: 2 ago. 2025.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL (CBF). *Regulamento Geral de Competições*. Rio de Janeiro: CBF, 2015.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL (CBF). *Tabelas financeiras da Série A 2024 – Direitos de transmissão e premiação*. Rio de Janeiro: CBF, 2024. Disponível em: <https://www.cbf.com.br>. Acesso em: 2 ago. 2025.

DELOITTE. *Deloitte Football Money League 2024*. 2024. Disponível em: <https://www.deloitte.com/uk/en/services/consulting-financial/analysis/deloitte-football-money-league.html>. Acesso em: 2 ago. 2025.

FIFA. FIFA to equalize World Cup prize money by 2027. *ESPN*, 2023. Disponível em: [https://www.espn.com/soccer/story/\\_/id/44239013/fifa-report-global-disparity-revenue-resources-womens-soccer](https://www.espn.com/soccer/story/_/id/44239013/fifa-report-global-disparity-revenue-resources-womens-soccer). Acesso em: 2 ago. 2025.

FIFA. *Women's Football Benchmarking Report – 2022 Edition*. Zurique: FIFA, 2022. Disponível em: <https://www.fifa.com/technical/football-benchmark/womens-football-report>. Acesso em: 2 ago. 2025.

FIFPRO. *Raising Our Game – Women's Football Global Employment Report 2021*. Hoofddorp: FIFPRO, 2021. Disponível em: <https://fifpro.org/en/supporting-players/competitions-innovation-and-growth/global-employment-market-for-women-s-football/new-report-illustrates-level-of-multiple-job-holding-among-elite-women-footballers>. Acesso em: 2 ago. 2025.

FRANZINI, Fábio. Futebol feminino no Brasil: entre festas, proibições e resistência. *Revista Brasileira de História*, v. 25, n. 50, p. 315-328, 2005.

IBGE. Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílios. Suplemento de Práticas de esporte e atividade física: 2015. Rio de Janeiro, 2017

INSTITUTO PARA A REFORMA DAS RELAÇÕES ENTRE ESTADO E EMPRESA (IREE). A resistência do futebol feminino no país do futebol. Disponível em: <https://iree.org.br/a-resistencia-do-futebol-feminino-no-pais-do-futebol/#:~:text=O%20futebol%20feminino%20promove%20a,necessariamente%20a%20opini%C3%A3o%20do%20IREE>. Acesso em: 8 ago. 2025.

JORNAL USP. Mulheres passaram 40 anos sem poder jogar futebol no Brasil. *Jornal da USP*, 2021. Disponível em: <https://jornal.usp.br/ciencias/ciencias-humanas/mulheres-passaram-40-anos-sem-poder-jogar-futebol-no-brasil/>. Acesso em: 8 ago. 2025.

MARTINS, Letícia Rodrigues; SOUSA, Juliana Alves de; PEREIRA, Rodrigo Dias. A trajetória do futebol feminino no Brasil: entre conquistas e desafios. *Movimento*, v. 27, e27073, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mov/a/kmcTxd5VcsdTZRSTfJKv5Q>. Acesso em: 8 ago. 2025.

MARTINS, Mariana Zuaneti; SILVA, Kerzia Railane Santos; VASQUEZ, Vitor. As

mulheres e o país do futebol: intersecções de gênero, classe e raça no Brasil. *Movimento*, Porto Alegre, v. 27, p. e27006, 2021. DOI: 10.22456/1982-8918.109328. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/109328>. Acesso em: 19 ago. 2025.

NÚCLEO DE FUTEBOL (UFV). Carta aberta. Disponível em: <https://nucleofutebol.ufv.br/informativo/carta-aberta/>. Acesso em: 8 ago. 2025.

O GLOBO. Brasil tem 622 mulheres e 18 mil homens como atletas profissionais de futebol, aponta levantamento da CBF. *O Globo*, 2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/blogs/ancelmo-gois/post/2022/11/brasil-tem-622-mulheres-e-18-mil-homens-como-atletas-profissionais-de-futebol-aponta-levantamento-da-cbf.ghtml>. Acesso em: 8 ago. 2025.

PISANI, Mariane da Silva. “Sou feita de chuva, sol e barro”: o futebol de mulheres praticado na cidade de São Paulo. Tese (Doutorado em Antropologia social) - São Paulo: Universidade de São Paulo, 2018

TELLES, Gabriella Pereira. *País do Futebol... Feminino? A (In)Visibilidade das Mulheres nas Quatro Linhas*. 2017. Monografia (Graduação em Comunicação Social – Jornalismo) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/3852/3/GPTelles.pdf>. Acesso em: 8 ago. 2025.

THE GUARDIAN. English football faces strain between money and fans’ needs, says report. *The Guardian*, 12 jun. 2025. Disponível em: <https://www.theguardian.com/football/2025/jun/12/english-football-faces-strain-between-money-and-fans-needs-says-report>. Acesso em: 2 ago. 2025.

UOL ESPORTE. Diferença de investimentos entre futebol masculino e feminino é abissal. *UOL*, 2023. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/ultimas-noticias/2023/06/30/diferenca-de-investimentos-entre-futebol-masculino-e-feminino.htm>. Acesso em: 2 ago. 2025.